

NARCISO LOBO

A comunicação e o idoso

Communication & Old People

Vem da Galícia, na Espanha, onde participei, ano passado, de importante evento, o convite para uma reflexão sobre um tema que nós, brasileiros, ainda não agendamos para valer: a comunicação e o idoso. Agimos como se esse assunto fosse secundário, mesmo que os dados estatísticos, lentamente, venham apontando para o crescimento dessa faixa populacional. Durante muito tempo desfrutamos o glamour de país jovem, com morenas e morenos escandalosamente belos e esculturais; bem ao gosto de uma publicidade reforçadora de valores comerciais, voltados para o consumo dessa palavra mágica: juventude. No entanto, já está na hora, no âmbito da cidadania, e de um jornalismo social, de se iniciar reflexões sobre esse tema, aparentemente tão distante, até mesmo como maneira de se proceder a uma reavaliação dessa cultura.

É certo, também, que temos uma agenda repleta, no campo comunicacional, de problemas não resolvidos: desemprego, violência, baixa qualidade da educação, narcotráfico, povos indígenas, ocupando, com frequência, os espaços na mídia. Mas observa-se que jornais e telejornais, até como subproduto do debate sobre a Reforma da Previdência, têm mostrado, com insistência, certa projeção que o idoso adquire, nas regiões mais pobres do país, com as aposentadorias, sobretudo rurais, consagradas pela Constituição de 1988. Em cidades onde o emprego é escasso, famílias inteiras vivem na dependência do idoso, o único detentor de uma fonte de receita. Isso, de alguma maneira, tem mudado o perfil da discriminação deste segmento populacional, que se torna, assim, centro de interesse, e de valorização, sobretudo para o comércio, que passa a girar em função da data em que os aposentados recebem suas pensões.

Outro fato mediático, na esteira do primeiro, diz respeito à repercussão das personagens Leopoldo (Oswaldo Louzada) e Flora (Carmen Silva), da telenovela *Mulheres Apaixonadas* (2003), de Manoel Carlos. Este casal de idosos, discriminado pelos jovens da família, sensibilizou quase 100 milhões de telespectadores no horário nobre da Rede Globo e motivou, inclusive, a ida dos dois atores ao Congresso, quando estava em discussão o Estatuto do Idoso, contribuindo, dessa forma, para sua aprovação. Fora disso, nossos maiores, como os denominam os galegos, permanecem como aquele sapato velho, encostado num canto da casa; vistos, algumas vezes, como estorvos, à espera do momento final, numa sociedade que se acostumou com a idéia

de que a juventude é eterna e fechando os olhos para a importância de um olhar criterioso e responsável para todas as fases do ciclo vital.

Se alguns avanços foram obtidos, entre nós, com o Estatuto do Idoso, as médias e grandes cidades ainda prestam bem pouca atenção para este segmento. Um exemplo corriqueiro: o trânsito urbano, na simples travessia de uma rua, ainda é bem pouco generoso para com os velhos; motoristas, particulares e de coletivos, sempre impacientes e pressionados pelo tempo, e pouca intervenção, tanto do poder público, como da mídia. Portanto, já está na hora de se problematizar o lugar do idoso nesse caldeirão social, sempre prestes a explodir, que caracteriza a sociedade brasileira.

•

Narciso Lobo é doutor em Ciências da Comunicação e docente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia e do Dpto. de Comunicação Social da Ufam. E-mail: njlobo@uol.com.br